

Entrelaçando fios: possibilidades de leitura pedagógica na obra de Conceição Evaristo

Intertwining threads: possibilities of pedagogic reading in the work of Conceição Evaristo

Lara Caroline Cardoso da Luz ¹

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA.
68507590, Brasil.

Tiese Rodrigues Teixeira júnior²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA.
68507590, Brasil.

Resumo: O presente artigo analisa as possibilidades de leitura pedagógica na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. A partir de uma abordagem reflexiva, buscamos tecer considerações sobre como as leituras pedagógicas podem contribuir, não apenas como entretenimento do leitor, ou leitora, mas oportunizar um olhar sobre o tecido social brasileiro, a partir de representações de histórias de mulheres negras que se enunciam e escrevem suas vidas a partir de outros mundos. Metodologicamente, fazemos uso da pesquisa qualitativa. Teoricamente, utilizamos o conceito de leitura pedagógica (Moura, 2020) e sociologia da leitura (Segré, 2010). A pesquisa mostra que a obra de Conceição Evaristo tem um forte potencial para a prática da leitura pedagógica, pois, seu teor reflete questões sociais importantes que precisam adentrar à sala de aula por outras rotas, neste caso, a literatura.

Palavras-Chave: Educação. Conceição Evaristo. Leitura Pedagógica

Abstract: This article analyzes the possibilities of pedagogical reading in Conceição Evaristo's *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016). From a reflexive approach, we seek to consider how pedagogical readings can contribute, not only as entertainment for the reader, but also to provide an opportunity to look at the Brazilian social fabric, based on representations of the stories of black women who enunciate and write their lives from other worlds. Methodologically, we use qualitative research. Theoretically, we used the concept of Pedagogical Reading (Moura, 2020) and the sociology of reading (Segré, 2010). The research shows that Conceição Evaristo's work has strong potential for the practice

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2023). Atuou como Professora na área da Educação Infantil e fundamental I pela rede privada estudantil nos anos de 2019 a 2023. E-MAIL: lara.luz@unifesspa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7419-2262>

² Professor de Didática e Prática de Ensino, na Faculdade de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Doutor em Ciências do desenvolvimento socioambiental, área interdisciplinar, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, NAEA/UFPA. Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, área interdisciplinar, (PDTSA) UNIFESSPA. Especialista em Gestão Educacional. Graduado em História, Pedagogia e Letras. Desde 2007, escreve sobre História Regional e Estudos Amazônicos para a escola básica. E-MAIL: tiesejr@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0121-8928>

³ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso de uma das autoras, defendido em julho de 2023, na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

of pedagogical reading, because its content reflects important social issues that need to enter the classroom through other routes, in this case, literature.

Keywords: Education. Conceição Evaristo. Pedagogic Reading.

1. Introdução

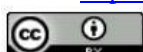
O objeto de reflexão deste artigo é a leitura pedagógica a partir da literatura brasileira de autoria negra feminina³. O objetivo geral é identificar as possibilidades de prática da leitura pedagógica com a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora Conceição Evaristo. Os objetivos específicos são: a- conceituar leitura pedagógica; b- problematizar a figura feminina na obra; c- identificar desigualdades sociais, identidades e memórias de mulheres negras. A metodologia é qualitativa do tipo bibliográfica. A fonte principal é um *corpus* de análise, três contos, retirado do livro supracitado. Teoricamente, fazemos uso do conceito de leitura pedagógica (MOURA, 2020).

O cenário no qual se debate este tema de pesquisa é a leitura. Um tema amplo e com diversas possibilidades de análise. Começamos por pontuar, que ainda hoje, quando falamos em leitura, nossa mente projeta a palavra escrita no papel, ou seja, a linguagem verbal construída pelo alfabeto que conhecemos. Desde o início do século passado, as reflexões sobre o objeto leitura tem apontado para o fortalecimento de outras formas de ler o mundo, estando aí, as leituras verbais, não verbais, de imagens, paisagens culturais, modos de vida, ambientes físicos e expressões corporais que mostram que este conceito é polissêmico e historicamente construído (SEGRÉ, 2010).

Mas, tratando da leitura em seu âmbito mais comum, o da leitura verbal, as práticas são marcadas ainda por um teor ligado ao lazer, ao gosto, ao entretenimento, à diversão e ao prazer, aspectos de uma forma de leitura chamada de leitura poética ou estética. Esta forma de definir a leitura liga-se a uma construção histórica e cultural no qual o objeto cultural livro está ligado a uma classe social específica, a burguesia. Não por acaso, é comum que os portais nas redes sociais que tratam de leitura tenham, no geral, imagem que remetem a um lugar idílico, bucólico, distante da maioria de nós. Por exemplo, uma casa de campo, uma moça branca, em uma casa cheia de livros e decorada com mobílias de luxo (SEGRÉ, 2010).

Essa ideia de leitura e de sua prática é carregada de elementos de classe, especificamente da classe rica. O teor de grande parte das obras lidas é formado por elementos desta mesma classe social. Os temas tratam do mundo idealizado pelo autor ou pela autora, que expressa as suas referências de vida em suas letras. Os modelos sociais de homens e mulheres são retratados nestas obras universais como únicos. Livros escritos no século XIX, por exemplo, por homens

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v.29, n.2, p.20-38, 2023. ISSN: 2448-0215.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.260795>



ricos e brancos, são utilizados socialmente em nossos dias como referências básicas para a prática da leitura dentro e fora das escolas.

É fundamental reafirmar que literatura é portadora de mensagens sociais, discursos dos mais variados sentidos, que difundem e reforçam padrões de comportamento e em último caso promovem educação, um exemplo disso é que, historicamente, o mundo produziu o silenciamento da mulher. Neste sentido, a história mostra que no pensamento iluminista do século XVIII construiu uma produção discursiva masculina veiculada através dos livros e da leitura poética/estética, sobre a natureza do ser mulher. Por muito tempo, o discurso masculino branco objetivou o corpo da mulher e limitou seu espaço de circulação às vontades do homem. Entre os lugares a ela reservados destacam-se: o lar e a educação dos filhos. Separada da cultura pela educação, a mulher tinha sua trajetória social determinada por vontades que não eram às suas (SEGRÉ, 2010)

2. Referencial teórico e metodológico

Desde o século XVIII, a literatura ajudou no fortalecimento e expansão da educação da mulher através das letras dos romances mundialmente conhecidos. Os autores, homens brancos burgueses, se encarregaram de criar e difundir suas ideias sobre o mundo feminino. Apontada como um ser sem capacidade para desenvolver a razão e com forte inclinação para o cuidado materno e a sensibilidade, a mulher foi sendo obrigada a ficar em silêncio num mundo dominado por homens, pois as relações públicas e privadas de poder eram determinadas predominantemente pela vontade masculina. Em casa, a mulher era tratada como mais um objeto de posse do homem.

Na pedagogia de Rousseau (2022), obras amplamente lidas e debatidas, está expresso claramente como deveria se educar a mulher. Ela existiria para atender as necessidades do homem, ela deveria casar e ser obediente ao marido; ser frágil e delicada. Para tal, o filósofo criou Sofia, a esposa ideal para Emilio, o homem ideal. Seguindo esse percurso, a literatura foi criando escritas sobre mulheres que em alguma dimensão preservaram esses discursos e representações. Mulheres brancas, donas de casa, amáveis, frágeis, gentis, que deveriam viver para os seus maridos, as que ousassem pensar ao contrário eram mortas. Exemplos? Luiza, no *Primo Basilio*, de Eça de Queiroz; Helena, na obra *Helena*, de Machado de Assis (ROUSSEAU, 2022).

Este exemplo foi trazido aqui, como forma de explicitar um conteúdo veiculado em livros com fins educativos. Mostrando que a literatura tem também uma finalidade social de controle, orientação e projeção dos corpos e das mentes. As reflexões que tratam da teoria da leitura e

das suas práticas pedagógicas têm nos últimos anos destacado a importância do teor educativo das mesmas e vem propondo aquilo que se chama de leitura pedagógica. Esta proposta de leitura tem como características principais a intenção de promover o diálogo, a crítica social, a reflexão contextual e a relação do texto escrito com a realidade dos leitores. Estes elementos se ligam à pedagogia inspirada em Paulo Freire e a linguística textual contemporânea, em sua fase de teoria do texto (MOURA, 2020).

A leitura poética ou estética sempre tentou e tenta manter distância das questões sociais, quando a promove é por causa da resistência de alguns docentes. A leitura pedagógica, no entanto, caminha no contrário, tem a intenção de falar a partir de uma escrita carregada de elementos sociais, culturais e históricos, e é neste terreno que este trabalho caminha. Partindo de um pressuposto histórico-social, pode-se afirmar que o Brasil é um país com uma população de maioria negra (pretos e pardos), os quais desde a conquista do nosso território, no período colonial, vivem em mundo notório de desigualdades. No eixo educacional, por exemplo, as disparidades tornam-se mais evidentes. Portanto, ter o acesso à leitura foi e ainda é um privilégio para poucos (MOURA, 2020).

Silva (2022) destaca que na história da educação e da literatura brasileira, mulheres negras escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Geni Guimarães têm produzido escritas que debatem temas sociais relevantes para a constituição de uma sociedade mais igualitária. Entre os homens, Machado de Assis e Lima Barreto figuram como importantes vozes de resistência que denunciaram desigualdades sociais e lutaram pela educação da população pobre e negra através de suas letras.

Na atualidade, as mulheres negras são a maioria dos cidadãos desse país, mas, ainda há questionamentos sobre o acesso à educação na qual foi proporcionada a elas desde a infância, quais os níveis de escolaridades que tiveram a oportunidade de vivenciar e em quais condições foram vividas. Desse modo, é inegável que a historicidade deixou muitas mazelas sociais e educacionais, às quais permanecem nas suas vidas ainda no tempo presente.

A partir disso, entendendo que a literatura é portadora de discursos que ajudam a manter ou a questionar a sociedade, entende-se que a leitura pedagógica é um caminho importante para práticas educativas que tenham compromisso social com a parcela excluída da sociedade. Neste sentido, acredita-se que a escrita da professora e escritora Conceição Evaristo se apresenta como condutora de um conteúdo social significativo para diálogos críticos sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Escrita esta chamada por ela de “escrevivências ou escrever as vivências”.

A obra trazida aqui para análise é *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em que a autora fez uma pesquisa e entrevistas, escreveu parte de histórias reais de mulheres negras em que é possível traçar um claro painel das trajetórias, dos modos de vida, das memórias, das identidades e das lutas vividas por mulheres que representam uma parcela importante da sociedade e que revelam através das suas histórias, outras formas de corpos e mentes femininas, formas que vão de encontro ao pensamento masculino, branco, machista e misógino ainda presente em obras literárias amplamente difundidas e utilizadas nas práticas de leitura por este país (SILVA, 2022).

Compreende-se que a leitura poética ou estética é importante e necessária, mas não é o bastante em uma sociedade de classe, desigual e violenta como a brasileira. É inegável a força que a linguagem carrega ao ser colocada em prática e em como ações de leitura podem construir ou fortalecer ideias, assim como, destruir e reconstruir novas formas de ler o mundo (SEGRÉ, 2010).

Este estudo foi elaborado por meio da abordagem reflexiva, utilizando a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Acreditamos que esta é a melhor maneira de estruturar o trabalho em questão de forma coerente e promover uma leitura mais fluida. Sendo assim, primordialmente, precisamos compreender do que se trata a abordagem qualitativa e de acordo com a perspectiva de Flick (2004), ela tem a sua relevância reconhecida no que diz respeito ao estudo das relações sociais, levando-se em conta principalmente a pluralidade de vidas em sociedade. Dessa forma, podemos explorar as teorias já aplicadas no meio educativo, também para compreender e investigar certos fenômenos sociais como racismo, machismo, violência contra a mulher, entre outros. Os quais estão presentes na fonte de pesquisa deste trabalho, o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2009), se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, coopera com o mundo dos significados, dos porquês, das crenças, dos valores e das multiculturalidades. Por meio da pesquisa qualitativa, é possível ser colocado o nosso ponto de vista, nossas interpretações, podemos notar as mudanças em uma sociedade através de documentos históricos e, assim, questionar o presente e suas mazelas.

Por isso, compreender que a escrita de um trabalho como este pudesse ser feita de maneira mais simples e que, mesmo sendo acadêmico-científico, pude utilizar uma linguagem mais acessível para os leitores foi uma decisão arriscada, mas gratificante. Sabemos que a escrita é uma das bases utilizadas para comunicação mas, precisamos sempre lembrar que o

hábito de escrever não é algo adquirido de maneira regular, por isso, escrever é uma atividade desafiadora, mas que deve ser vista e vivida de maneira mais leve e prazerosa.

3. Análises e Discussões

3.1 Um conceito para dialogar: Leitura Pedagógica

A leitura e a escrita são habilidades das mais importantes adquiridas na vida do ser humano, são ou devem ser estimuladas desde a infância, vistas como uma ferramenta essencial para a independência da vida em sociedade. Através delas, podemos explorar a criatividade e o potencial dos alunos desde os primórdios de vida, no entanto, a discussão sobre transformar a leitura em função pedagógica, é um fato que ainda ocasiona debates no meio acadêmico (SEGRÉ, 2010).

Aqui, tentamos fortalecer o entendimento do conceito de leitura pedagógica (Moura, 2020). Neste quadro é válido pontuar, primeiramente, o que se considera leitura pedagógica e leitura estética ou poética. Moura em trabalho sobre a literatura infantil destaca que ela tem uma dupla face: é um objeto de arte e um objeto de educação. Como objeto de educação esta literatura pode ser trabalhada dentro de duas perspectivas: a leitura estética ou poética e leitura pedagógica.

No primeiro caso, objeto de arte com valor estético, o livro e as formas de interpretá-los precisam ser adequados à criança e essa adequação é tarefa da pedagogia, através de estratégias de leitura. Destacando que o livro é portador de “valores sociais”, o processo de aprendizagem precisa ser adequado ao seu leitor. Assim,

A arte literária é uma atividade complexa e não natural ao universo da infância, e a Pedagogia, nesse caso, que está assentada em fases sequenciais e evolutivas, prevendo uma aprendizagem gradual, linear e contínua, deve facilitar a inserção da arte literária no contexto escolar, criar estratégias para concretizar, ao nível da compreensão infantil, um alto repertório como o estético (MOURA, 2020, p. 19).

Assim, o livro possui duas funções: uma estética ou poética e uma pedagógica. A estética é responsável pelo estímulo da “imaginação, da inteligência e da sensibilidade” (MOURA, 2020, p.19). A função pedagógica trata da constituição dos valores éticos, do diálogo e da reflexão. Desta função pedagógica deriva a leitura pedagógica, que na maioria das vezes a escola atribui a ela um valor utilitário voltada a constituição “hábitos linguísticos e comportamentais”. Essa finalidade pragmática da literatura e da leitura, se revela uma atividade comprometida com dominação e o adestramento da criança leitora. Essa lógica de prática da leitura se espalha para jovens e adultos que não encontram espaços de diálogos nas ações de

leitura realizadas nas escolas. Quando trata-se de leituras pedagógicas, há autores que conseguem fazê-las de forma clara e objetiva, utilizando como personagens principais sujeitos reais, existentes na sociedade brasileira, pois elas são ferramentas que provocam debates necessários, uma vez que tratam de narrativas verídicas (MOURA, 2020).

Nesse contexto, a escrita de Osman Lins (2020) dialoga com a palavra e com a literatura de Conceição Evaristo, por exemplo, em *O Visitante* (1955), escrita na qual retrata a vida de uma professora chamada Celina, o autor falado mundo da personagem que no começo da narrativa parece um “paraíso”, mas depois ela caiu em tentação e pecou, a partir disso passou a viver uma vida conturbada sendo atormentada por sua consciência, devido sua religiosidade.

O autor menciona Celina, como um modelo de mulher que vive em uma cidade conservadora, onde vive situações desconcertantes e agressivas por ter engravidado de um homem casado. Nesse contexto, a crítica que se passa na história envolve a denúncia sobre a mulher não ter controle sobre seu corpo, sobre suas vivências, uma vez que Celina viaja para outra cidade para realizar um aborto, decisão que foi tomada por pressão social, por ser julgada e condenada por não ser mais uma mulher pura. Por essa atitude, Celina passa a vida lamentando a perda do filho que nunca conheceu, lamenta, também, a negação da vivência da maternidade.

Outra questão social importante na obra, é que as crianças são tratadas por nomes genéricos como “filho do professor”, “alunos de Celina”, “crianças”. Tal recurso narrativo que mostra a invisibilidade de crianças que poderiam ser nomeadas, assim como as existentes na vida real, a obra também destaca como as vontades e os desejos infantis ficam para segundo plano no corpo social. É uma leitura que ajuda a refletir, a questionar, por exemplo, as condições da infância na sociedade brasileira contemporânea.

Mais uma vez, Moura (2020) nos ajuda a pensar, pois, ter a literatura como uma indagação pode ser uma ferramenta fundamental nos processos educativos. Problematizar a leitura pelo teor pedagógico, aqui entendido como voltado às questões sociais é um passo importante na construção de uma educação popular. Na escola pública, a maioria dos alunos e aunas são pobres e suas realidades de vida precisam entrar na sala de aula, para que suas vidas se façam presentes e não fiquem invisíveis como as vidas das crianças da obra *O Visitante*. Desse modo, essas reflexões podem apontar direcionamentos à liberdade e às possibilidades de uso da literatura e novas formas de pedagogia, assim como, dizem as professoras Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, 2006:

Privilegiar o uso poético da informação é também pôr em uso uma nova forma de pedagogia que mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto. Ensinar breve e fugaz que se concretiza no fluir e refluir do texto, sem pretensões de ter a palavra final, o sentido, a chave que soluciona o mistério. Mais do que falar e preencher, o texto ouve e silencia, para que a voz do seu parceiro, o leitor, possa ocupar espaços e ensinar também. Redescobre-se, então, o verdadeiro sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o pouco que sabe, estar de prontidão para aprender a vastidão daquilo que não se sabe. A arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Moura (2020) ainda disserta sobre os livros distribuídos nas escolas que os alunos têm acesso, questionando se são leituras que proporcionarão criticidade aos leitores. Sendo assim, é imprescindível pensar nos livros e nas leituras como ferramentas pedagógicas do pensar crítico e de reflexão de mundo, não apenas como um objeto estético, não que isso não seja importante, mas pensar a leitura a partir da pedagogia é ir além e defender que o espaço educativo é antes de tudo um espaço de formação para a cidadania.

Por isso, literaturas e escrituras como de Conceição Evaristo são necessárias para dar fortalecimento às leituras que nos fazem refletir e aprender. Compreender, também, que a leitura precisa fazer sentido para o leitor, e isso só pode ocorrer através de vocabulários acessíveis, que nos intermedeiam para transitar entre obras distintas, de vivências diferentes. Reconhecendo que a leitura proposta em sala de aula precisa dialogar em boa medida com a vida do aluno fora da escola.

3.2 Insubmissas lágrimas de Mulheres: uma leitura

Nesta seção, trazemos uma leitura da obra utilizada como fonte de análise para este trabalho. É uma leitura inicial, que objetiva aproximar o leitor, desta importante voz da escrita feminina negra brasileira. A autora de escrituras, Conceição Evaristo, nasceu em 1946 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Joana Josefino Evaristo, lavadeira, e irmã de três Marias: Inês, Lourdes e Angélica, teve uma infância marcada pela ausência paterna, a qual ela diz ter sido suprida por outras presenças masculinas no decorrer da sua vida. Suas oportunidades acadêmicas só começaram a surgir a partir dos 7 anos de idade, passou por um momento de grandes mudanças, ao ter que ir morar com sua tia, para que as contas da sua mãe pudessem ser reduzidas.

Essa mudança foi o início das oportunidades educacionais de Conceição, um caminho de melhores oportunidades de vida, foi então, que os livros entraram em seu cotidiano. Desde então, ela começou a compreender a relevância dos estudos. O tempo passou, a menina se tornou mulher

e na vida adulta uma participante ativista dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país.

Sua estreia na literatura com publicação aconteceu em 1990, a partir do momento em que passou a publicar seus contos e poemas na série de livros *Cadernos Negros*, este documento, no entanto, se faz presente na literatura afro-brasileira desde 1978, quando um coletivo de poetas e ficcionistas lançaram na cidade de São Paulo o volume 1. É importante destacar a forte presença feminina nestas publicações, pois, entre vinte e um autores do livro, doze são mulheres, fato que confirma como a autora em questão já havia um foco além de “apenas escrever”, pois o feminino, após sua chegada na literatura, ganhou destaque na criação de seus contos com personagens, mas, também, na formação de escritoras falando de mulheres e vivências reais.

Academicamente, Conceição Evaristo se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital Fluminense, é Mestre em Literatura Brasileira pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro em 1996, com a dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese “Poemas Malungos, Cânticos irmãos” em 2011, na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Quando trata-se da Conceição Evaristo, escritora e poetisa, pode-se dizer que suas obras tem como matéria-prima literária as vivências das mulheres negras, as quais são suas principais protagonistas, dando enfoque às reflexões acerca das profundas desigualdades raciais existentes no Brasil. A autora mistura de forma majestosa a realidade e a ficção, é uma junção feita a partir de vivências e relatos, o que pode-se denominar de “Escrevivências”, como já dito anteriormente. Assim, seus textos tornam-se instrumentos de denúncias das opressões raciais e de gênero, mas, também, se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, além da celebração do povo negro e suas religiões de matriz africana que comumente são escritas em seus contos (EVARISTO, 2016)

A obra em tela foi escrita pela autora Conceição Evaristo, em 2011, está em sua 5ª edição, e mostra a discussão de dois objetivos que estão interligados: a multiplicidade das vozes femininas e seus contextos sociais, e a visibilidade da Literatura de autoria feminina negra. Portanto, trata-se de uma literatura reflexiva, o que a torna própria para o desenvolvimento e a prática da Leitura Pedagógica. Ela, também, nos permite contato com as peculiaridades do ouvir e do narrar, pois, a voz presente nas narrativas se alinha com os relatos presenciados no livro. As histórias

contadas nos capítulos foram baseadas em inspirações de conversas e entrevistas feitas pela autora com mulheres negras vivendo situações de vulnerabilidade e violências familiares e domésticas.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2016, é uma obra composta por 13 contos, cada capítulo com nome de uma mulher diferente, nomes de pessoas fictícias e reais, uma fusão de histórias verídicas ouvidas pela autora e parte “inventada”, como ela mesma pauta em seu livro. Os capítulos são divididos em: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Lúbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia.

A cada capítulo, têm-se histórias de mulheres com um padrão de vida e escolaridades diferentes, mas os conflitos familiares, sociais e de relacionamentos afetivos, além das violências sofridas, são comparativas umas às outras. Nesse sentido, há um olhar mais cuidadoso quanto à mulher negra, pelo fato de a própria autora pesquisar e criar obras dentro da Literatura Afro-brasileira e por toda sua historicidade.

Neste livro, podemos observar o cuidado em que a autora teve em narrar as histórias da maneira mais perto da realidade possível, com sensibilidade, sobre as grandes desigualdades sociais existentes, em muitos contos o sexismo é pautado, ou seja, a obra nos mostra atos de discriminação e objetificação sexual apenas pelo gênero, no caso, o feminino. Na sua escrita, também, deixa explícito as características diversas dos femininos e a pluralidade de mulheres, isso faz com o livro se torne uma experiência para quem o lê, no caso de mulheres, podemos por vezes nos enxergar nas histórias, outros leitores, por sua vez, podem compreender quais violências acontecem cotidianamente na nossa vida.

Sendo contos com temas sensíveis, a literatura de Conceição Evaristo, se apresenta como possibilidade para uma leitura pedagógica, não apenas uma leitura dita poética ou estética, mas pautada em trazer denúncias e reflexões, pois ao ler, é possível que memórias e sentimentos dos leitores sejam acessados, isso ocorre porque as falas escritas por ela possuem conceitos básicos da linguística e pelas histórias comumente vistas e ouvidas. Desse modo, neste trabalho, os três contos, que formam o corpus ou a matéria-prima para a análise de leituras pedagógicas são: Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Mirtes Aparecida da Luz. Estes foram escolhidos por serem considerados os mais expressivos para exemplificar as diversas violências vividas por mulheres negras.

O terceiro capítulo do livro, nomeado de Natalina Soledad, aborda a história de uma mulher que se autoneomeia. Ela cresceu com a falta de amor dos pais e irmãos, mas ao longo da vida foi construindo alternativas próprias. A solidão vivida por ela – “Natalina Soledad - nome pelo qual me chamo – repetiu a mulher que escolhera seu próprio nome”. Essa história frisa uma grande pauta vinda do machismo estrutural, pois Evaristo (2016) aborda o nascimento de uma menina após a vinda anterior de seus seis irmãos, só “menino-macho” como ela mesma narra.

Surge assim, uma discussão na qual o corpo da mulher é questionado por ter gerado outra mulher em uma família até então formada somente por homens. Podemos notar que a violência surge antes mesmo do nascer, uma narração de uma “ficção” que a obra reflete como espelho da vida real. Por esse fato natural, por nascer mulher, a protagonista que recebeu o nome de “Troçolêia Malvina Silveira” cresceu com a rejeição de toda a família, uma rejeição que, mesmo sendo familiar, ultrapassou os muros e passou a ser refletida em sua vida escolar, profissional e amorosa, perdendo a chance de explorar seus potenciais e vontades.

A mulher em questão, mesmo sendo a protagonista, demora anos para assumir a grande decisão de mudança de nome, pois o ensinamento de hierarquia masculina dentro de sua própria casa, vivida por ela, era questão de respeito aos seus “criadores”. Aos 30 anos de idade, a personagem se autoneomeia no cartório de Natalina Soledad, solidão, nome escolhido propositalmente para não correr o risco de haver semelhanças com a sua família biológica.

O quinto conto, chama-se Maria do Rosário Imaculada dos Santos é um conto sobre uma mulher ter sido roubada da família ainda criança para exploração do trabalho doméstico, é uma história sobre as heranças do colonialismo e racismo na sociedade brasileira. – “De imaculada não tenho nada – começou assim a conversa de Maria do Rosário comigo -, mas não me sinto a primeira nem a última das pecadoras, mesmo porque eu não acredito em pecados – continuou”.

Essa história tem em seu enredo uma mulher preta e periférica, que desde a infância passou por episódios de situações financeiras de pouca renda e ainda contou com a ajuda da criação de seus avós para sua sobrevivência. Maria do Rosário conta que seus únicos medos eram imaginários como mula sem cabeça, lobisomem e afins... Mas, ao deslumbrar-se com um casal de pessoas vindas do Sul do Brasil que a chamaram para um passeio de jipe junto ao seu irmão, seus medos reais começaram a vir à tona, lembrou das histórias contadas pelos seus antepassados que “gente como ela” eram roubadas para seres escravizadas, e assim, esses medos reais que eram apenas contações de histórias, passaram a ser sua vivência dali em diante, pois seu irmão foi abandonado em uma rua deserta e somente ela foi levada (EVARISTO, 2016).

Foram anos de trabalho escravo e sendo tratada como alguém inexistente, nem pelo seu nome Maria era chamada e sim de “menina”. Ela passou 35 anos por violências simbólicas e verbais, esquecimentos de si mesma, invalidação da infância e do direito à liberdade de ir e vir, até que pudesse retornar para “Flor de mim”, sua cidade natal.

O oitavo conto, denomina-se Mirtes Aparecida da Luz, o qual fala de uma mãe com baixa visão que narra a experiência no nascimento da filha e o abandono do companheiro e essa mudança deixa várias perguntas no porquê dessa escolha, a qual relata: “- Tenho no meu corpo, a minha completude que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos”. Da Luz, como narra a autora, nome pela qual a personagem quer ser chamada, passa por muitos anseios do seu marido, a grande vontade de ser pai, mas ao mesmo tempo, o medo dele de como nasceria essa criança, pois fisicamente, essa questão era primordial para ele, sendo um questionamento contínuo (EVARISTO, 2016).

Sua baixa visão, foi adquirida no dia do seu parto, tal acontecimento que o homem não compreendia. Mas, Da Luz, nunca teve medo do futuro e muito menos se importava em como nasceria sua filha, Gaia Luz, como foi nomeada. O pai da criança, não soube lidar com os sentimentos vividos durante a gestação e muito menos no dia do nascimento, pois enquanto Gaia vinha ao mundo, o homem tirava sua própria vida. Cheia de questionamentos, Da Luz criou Gaia sozinha, sempre se questionando se o físico de alguém era tão importante do que o experienciar de ser mãe e pai, mas as respostas jamais foram descobertas.

É possível notar nesta história, como Da Luz é uma mulher inspiradora, em como ela representa uma parcela invisível da sociedade, além de ser uma mulher preta, é uma pessoa com deficiência e mãe solo, a qual teve que carregar uma responsabilidade dupla, mesmo nas condições vividas por ela. Uma realidade que merece mais visibilidade e reflexão. E o fim da história? Conceição Evaristo deixa em aberto, uma história que não tem final feliz e nem triste, apenas mais um relato de vidas reais onde há muito do que ser vivido. Só se sabe que, apesar de Gaia ter traços semelhante como a cor dos olhos, cabelos e até o timbre da voz, que herdou do pai, a filha enxergava a vida como a mãe (EVARISTO, 2016).

Na seção a seguir, fazemos uma reflexão sobre as possibilidades de leitura Pedagógica na obra em tela. Considerando que este conceito de leitura, especialmente, busca refletir sobre questões de cunho social, cultural e histórico.

3.3 Possibilidades de Leitura Pedagógica na Obra Insubmissas Lágrimas De Mulheres.

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, foi uma edição lançada em 2016, a qual contém na capa a imagem da representação da mulher negra em forma de desenho, podemos chegar a esta conclusão pela maneira com que os traços do nariz e formato dos cabelos foram majestosamente refletidos, largos e volumosos, respectivamente. Ademais, podemos notar, também, neste desenho as lágrimas escorrendo pelos olhos da personagem para representar todas as violências e conturbações que fazem parte do meio de opressão que cercam a vida de muitas mulheres, mas, que essas mesmas lágrimas, logo se tornam um florescer de vida e resistência, representado pelo entrelace de raízes e flores que compõem o coração. No mais, a capa se forma esteticamente com a presença das tonalidades terrosas, passeando entre o vermelho, rosa, vinho e marrom.

A editora responsável pela edição deste livro chama-se Malê, fundada pelo editor de livros Vagner Amaro e o escritor Francisco Jorge, em agosto de 2015. Uma editora que, apesar de recente, contém um enorme potencial e relevância, pois sua intenção e seus objetivos são dar visibilidade e oportunizar escritores e escritoras negras a se lançarem no mercado literário. Que leva consigo o lema de priorizar a literatura afro-brasileira em prol de mudar a visão etnocentrista de uma sociedade sob a população negra no país. Pode-se notar, portanto, como não apenas o enredo deste livro feito por Conceição Evaristo é considerado um ato de resistência, mas, também, a sua escolha ao priorizar a editora Malê para o lançamento da sua obra, tornando um conjunto repleto de vozes e Histórias.

O livro em análise, no total, tem 140 páginas, edição esta que possui 13 capítulos, cada capítulo um conto de vida cheio de vivências multiculturais, do ser feminino em sua tamanha diversidade muito bem representado, uma amplitude de personagens com histórias que podem ser encontradas facilmente em nossa sociedade. Ao analisarmos os nomes desses capítulos, é notório que são nomes de mulheres, como já mencionado anteriormente, nomes que nos remetem às pessoas reais, sem muitas grafias complexas, alguns nomes populares brasileiros como “Maria”, outros, abasileirados com a utilização do “y” que é uma característica comum entre nomes no nosso país.

Cada nomenclatura dessa, pode ser verídica ou não, a autora deixa claro que as escrevivências deste livro, parte são verdadeiras, de entrevistas feitas por ela, utilizando apenas um gravador, e parte são inventadas. O que, para mim, não há como ser totalmente inventadas, uma vez que vivências como estas que são relatadas, são vistas em locais publicitários e jornalísticos o tempo todo, além de ser pautada em muitas questões históricas.

Como na época da Ditadura Militar, exemplo, em que as mulheres não podiam estar presentes em muitos ambientes sociais e trabalhistas, além do dever de cuidar da casa. Ou até mesmo, histórias em que aconteceram com pessoas do nosso próprio seio familiar ou de vizinhanças. Assim, Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v.30, n.2, p.20-38, 2023. ISSN: 2448-0215. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.260795>



Conceição Evaristo consegue representar muitas Marias e Reginas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, das quais nem ouviu as histórias.

É necessário compreender, primordialmente, que há inúmeras possibilidades de discutir a leitura pedagógica dentro da obra, as quais são insubmissas ao nosso olhar de leitor, pois Conceição Evaristo deixa claro que, apesar das violências, preconceitos e desvalorização vividas pelas personagens, elas demonstram reação em muitos momentos, devido aos sentimentos de revolta e desespero que se perpetuam. Em muitas situações, as personagens se veem desamparadas e são colocadas em cenários de violências que elas precisam ser as próprias “salva-vidas” e de seus filhos.

Por isso, a nomeação do livro é denunciar que apesar das lágrimas, se manter insubmissa é uma conquista, porque ser mulher, preta e pobre, já um desafio por si só. Dessa forma, as discussões que podem ser feitas são de extrema relevância para o empoderamento do feminino, sobretudo, questões discutidas considerando uma pedagogia antirracista.

Sendo assim, podemos ver a escrita da autora como uma expressão cultural e histórica, uma vez que a Literatura Poética parece, na maior parte das vezes, se preocupar com histórias irreais e idealizadas, muito distante das personagens reais que Conceição traz em suas escritas, como por exemplo, histórias infantis de princesas (Cinderela, Branca de Neve, A Bela Adormecida etc), essas histórias que fazem parte da história da leitura de muitas gerações, por muitos anos ocasionaram um reflexo no feminino, em um estilo de vida que não nos empoderava e nos impossibilitava de poder traçar nossas próprias vivências, bem como Vygotsky diz: “O aluno-leitor tem a possibilidade de se tornar criador (VYGOTSKY, 1999)”. Ou seja, é necessário que as leituras apresentadas desde a infância construam sentido, ideias e criações próprias daquele que lê.

Assim, tem-se uma discussão acadêmica que deve ser refletida perante o papel do curso de pedagogia na visão de Lúcia Cademartori:

Foi a preocupação pedagógica que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder. (CADEMARTORI, 1987, p. 24).

Desse modo, é necessário que o currículo do curso em si caminhe junto com o passar do tempo, que mais leituras como de Conceição Evaristo possam ocupar os espaços pedagógicos e assim, criar discussões que façam parte do cotidiano de uma sociedade ou da parcela de meninas e mulheres que sofrem diferentes tipos de opressão.

No capítulo de Natalina Soledad, por exemplo, as leituras pedagógicas podem ser analisadas através do olhar do machismo, a questão de ser invalidada por nascer mulher torna-se fator de uma

rejeição a vida toda, ser vista como um ser sem utilidade, além de ser nomeada com um nome extremamente vergonhoso e constrangedor “Troçoléia”. Isso pode ser concebido pelo fato do nosso “sistema hierárquico” que foi construindo ao decorrer do passar nos séculos e, essa cultura do machismo, dá a eles o poder de humilhar a parcela social formada por mulheres, neste sentido:

Historicamente, o homem sempre foi considerado o detentor único do poder e as mulheres sempre se viram excluídas dele, isso condicionou o modo de pensar de ambos, desde o berço: é assim, porque sempre foi assim! Essa representação social partilhada por todos ainda mantém os estereótipos, apesar da evolução dos costumes (HIRIGOYEN, 2006, p. 75).

Nesse contexto, a fala de Hirigoyen (2006) relativiza as noções de dominação masculina, as quais podemos encontrar fortemente na vivência de Natalina Soledad, ao não ter o direito de explorar seu feminino e seus potenciais, pois estava sempre em uma posição de exclusão e minoritária perante o pai e seus irmãos. Por achar que, deveria respeitar a hierarquia na qual vivia, mas na verdade, era apenas uma prisão sem grade e uma vida num ambiente de exploração de serviços domésticos, somados com humilhações constantes apenas por ter nascido mulher, como se fosse um erro ter nascido mulher.

No conto de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, a protagonista urge em seu contexto principal as consequências da colonização na sociedade atual, em como mulheres e meninas negras ainda são vistas como mercadorias, uma história que traz muitas aflições e angústias ao decorrer da leitura, uma vez que a protagonista é roubada da própria família para ser escravizada, é uma pauta educativa necessária já o racismo persiste na sociedade. Uma entendedora do assunto, Djamilia Ribeiro (2019) fala sobre ser uma questão de privilégio em que a “cultura branca” economicamente e socialmente ainda vive, o que é o oposto do modo de vida da população negra,

O primeiro ponto a entender é que para falar de racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema beneficiando economicamente por toda história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019)

Por esse fato, a denúncia em que Conceição Evaristo nos traz é que educação antirracista é necessária, suas escritas nos fazem refletir em como as leituras afro-brasileiras são uma ferramenta imprescindível para o letramento racial de uma sociedade, e isso deve incluir leituras com personagens negros como protagonistas nas escolas comuns e infantis nas graduações, não apenas com uma visão eurocêntrica e branca, mas sempre levando em consideração a historicidade dos

acontecimentos, pois quando não se fala do passado ou não se reflita de pautas violentas que ainda acontecem, de forma recorrente, é possível que o opressor manipule o oprimido em prol de si mesmo, bem como Paulo Freire (1987) denomina este efeito

A adesão cultural do oprimido consiste em aceitar os padrões impostos pelo opressor como positivos e, além disso, considerar essa valorização positiva que se faz como uma conclusão própria sua, dando aos mitos opressores o status de verdades. Assim, o oprimido incorpora os padrões culturais alheios como se fossem suas próprias pautas de vida (FREIRE, 1987).

Dessa forma, nota-se a grandiosidade de tratar de temas sensíveis, como o racismo nas leituras, e usá-las como ferramenta pedagógica, em prol da valorização da cultura negra, dos seus direitos e do empoderamento da própria população preta.

No oitavo conto, Mirtes Aparecida da Luz, há uma possibilidade de Leitura Pedagógica sobre a performance do ideário do corpo feminino, do padrão em que se espera que a mulher tenha, ideário esse, vindo da imaginação masculina. Também, da imagem que a mulher precisa carregar perante as dificuldades vividas dentro de uma relação afetiva. Da Luz, a personagem principal, é descrita como uma mulher muito receptiva, que conta sua história de maneira a questionar se o suicídio do marido, seria pela sua baixa visão e pelo medo de como nasceria a filha do casal. Essa atitude do marido de Da Luz, mostra como a pressão social em corpos e padrões femininos, podem refletir tanto na vida da mulher, como na do homem, a partir do momento em que ele se permite viver uma relação com alguém “fora do padrão”.

Para Le Breton (2006), “

A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (LE BRETON, 2006, p.07).

Isso demonstra que a conceituação de corpos, pode estar representada de diversas maneiras, em leituras, filmes ou até mesmo na publicidade, mas, em contraste, pode estar associada ao imaginário, neste caso o masculino.

Dessa forma, podemos refletir sobre as diversidades de mulheres e femininos existentes. Não apenas esse eixo, mas em como o masculino e sua historicidade podem afetar as nossas vidas desde a infância, em como a mulher negra é vista e associada à um objeto comercial, de violências constantes, sejam elas em relações de classe, raça ou gênero.

4. Considerações Finais



Este trabalho traz em seu título a palavra fios, em uma referência ao Fio de Ariadne, que de acordo com a lenda Grega, poderia conduzir o povo a uma nova Creta. O fio, como metáfora, também significa uma possibilidade de resolução de problemas éticos, sociais e morais da civilização. Entrelaçar fios, na educação, é, aqui, a possibilidade de criarmos novas formas de educar; de sermos humanos. Fios entrelaçados podem fazer cobertores ou mantas, para proteger do frio; redes para acolher o sono; roupas físicas e simbólicas para vestir o corpo e o coração. Os diversos fios da vida tecidos na sala de aula, podem criar caminhos de respeito, solidariedade, força.....esperança.

O objeto de análise deste trabalho são as possibilidades de leitura pedagógica na obra da escritora Conceição Evaristo. A metodologia utilizada é qualitativa e o objetivo geral é refletir sobre essas possibilidades. Isso, acredito foi alcançado. Certamente, ainda há muito o que ser dito, pois, sua escrita está chegando agora em nós, assim como, os debates que tratam da leitura Pedagógica, esta leitura que é planejada para o espaço educativo; esta leitura que quer o diálogo, a reflexão e a problematização das questões sociais.

Este trabalho analisou a partir de escritas de vida, questões sociais que gritam dentro e fora da escola. Gritos que parecem não serem ouvidos. A obra de Conceição Evaristo, portanto, pode despertar o desejo de compreender mais sobre o que são escrevivências e o porquê suas leituras são impactantes na vida dos leitores e leitoras pois apresentam várias adversidades associadas não somente à estética do feminino mas, sobre as questões ditas cotidianas e não relevantes, tornando elas problematizadas e refletidas na obra, com uma escrita acessível, feita com muita competência e sensibilidade, tornando Conceição Evaristo uma escritora que alcança uma diversidade maior de pessoas.

A pesquisa também aponta outras pautas importantes, como por exemplo, a valorização da literatura afro-brasileira. A começar pela vida da própria autora, mas não apenas esse fato, pois nesta e em outras coletâneas, como *Olhos D'água* (2014), Conceição utiliza termos originários das religiões de matriz africana (Umbanda e Candomblé), ou seja, a ancestralidade nas suas obras é sempre protagonista. As histórias geralmente contam a vida da mulher negra como foco principal, uma maneira de usar a literatura como meio político e social, para denunciar mazelas e reforçar a magnitude da sua representatividade.

Sendo assim, valorizar a literatura afro-brasileira de autoria feminina, foi um dos incentivos determinantes para a escolha dessa temática. Uma vez que os meios opressivos não estejam somente

em meio à sociedade em si, mas também, no mundo da educação, neste caso, se tratando de um caminho mais específico: às leituras e a escrita.

As reflexões feitas a partir de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, só puderam ser vistos com olhares literários, críticos e educativos ao mesmo tempo, devido a Leitura Pedagógica inserida fortemente na obra, pois ela é uma prática pedagógica que permite construir e dar um significado às escritas, sobretudo para quem as lê, pois, tratar de temas sensíveis que conversem com o leitor e com a leitora de maneira acessível é uma das principais características e desafios dessa prática. É nesse contexto de tornar a leitura um ato pedagógico que a autora em questão se faz presente, tornando-se uma das principais discussões desse trabalho.

Outra questão que precisa ser considerada é que a literatura é portadora de discursos e modelos de vida que são repassados de forma calma, tranquila, sem que percebamos o seu teor. Questões ligadas à religião, gênero e sexualidade, raça, prestígio social, capital físico e simbólico e outra infinidade de valores que nos atravessam através da linguagem chegam a nós sem que nos demos conta disso. A leitura pedagógica questiona isso. Por sua natureza pautada no compromisso social pode ter na leitura uma forte aliada para a compreensão de mundo e de atentar-se à sensibilidade de observar os grandes modos de exploração e violências vividas por mulheres, sobretudo, mulheres negras e periféricas. Refletir esta temática não apenas como uma questão acadêmica, mas real, lembrando de histórias como essas que ocorrem cotidianamente.

Além de refletirmos os inúmeros entrelaces que, juntos, podem se formar um grande e novo tecido educacional, que são as interdisciplinaridades nas graduações de licenciatura, assim, poderemos ver as novas possibilidades de educação, de didáticas e metodologias, de leituras, bem como Paulo Freire é assertivo ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (1991, p. 84). Assim, é necessário que uma educação crítica se dissemine, para que assim, a sociedade caminhe junto ao tempo e cada vez menos violências e exclusões vivam em nosso meio, e nesse sentido, a leitura pedagógica através da obra de Conceição Evaristo pode ajudar muito.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v.30, n.2, p.20-38, 2023. ISSN: 2448-0215.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2023.260795>



- HIRIGOYEN, Marie - France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 256 p.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2ª edição, Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.
- LINS, Osman. **Imagens de criança de na literatura**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2022
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MOURA, César Prazeres Moura. **Infância, criança e literatura**. Rondônia: Edufro, 2020.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil – voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.
- RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Unesp, 2022.
- SECRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. São Paulo: Ateliê editorial, 2010.
- SILVA, da Janiele. **A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro**. São Paulo: Unesp, 2022.
- VYGOSTKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em 20 de dezembro de 2023.

Aprovado em 28 de dezembro de 2023.

